

**Ano XXIV nº 6443 – 19 de outubro de 2021**

## **Saúde Caixa: sindicatos e CEE orientam pela aprovação da proposta**



Os bancários da Caixa Econômica Federal têm uma importante assembleia que será realizada na próxima semana, por meio virtual, em função da pandemia da Covid-19. Os empregados do banco vão deliberar sobre a proposta da empresa para o Saúde Caixa. Os sindicato e a Comissão Executiva dos Empregados (CEE) orientam pela aprovação da proposta.

Na avaliação do movimento sindical, a proposta construída junto com o Grupo de Saúde, com a participação dos trabalhadores, mantém o atual modelo, garantindo a sustentabilidade e os princípios fundamentais do plano.

A participação da Caixa no custeio das despesas assistenciais e administrativas estará limitada a 70% do montante ou ao teto de 6,5%, o que for menor (estipular o teto de 6,5% no ACT impossibilita a Caixa de efetuar alterações unilaterais no teto). A mensalidade do titular no valor de 3,5% da remuneração base e uma mensalidade adicional de 0,4% para cada dependente direto cadastrado no plano, limitado ao teto de 4,3% por titular e mensalidade de 0,4% para cada dependente indireto.

Os tratamentos oncológicos e internações são isentos de coparticipação. Já a coparticipação para consulta em pronto socorro/pronto atendimento corresponderá ao valor fixo de R\$75. O teto anual é de R\$ 3.600,00 (três mil e seiscentos reais) por grupo familiar. Não haverá aumento nas mensalidades mês a mês, mas com a instituição de uma mensalidade sobre o 13º salário para atender a necessidade de aumento da arrecadação.

A proposta prevê ainda a utilização da reserva técnica para evitar contribuições extraordinárias em caso de déficit. Será mantido ainda, o GT Saúde Caixa com maior acesso a relatórios, dados, acompanhamento de credenciamento e descredenciamento com vistas a dar suporte para as negociações na mesa permanente.

A Assembleia virtual está prevista para a próxima semana. Novas informações, em breve, acompanhe nossa página e redes sociais.

## **Trabalho informal dispara no Brasil e no mundo**

Sem uma política econômica que socorra as micro e pequenas empresas, o trabalho informal dispara no Brasil e mais de 40 milhões de trabalhadores estão na informalidade, se virando para sobreviver.

Os mais atingidos são mulheres e jovens de baixa qualificação profissional. Justamente as pessoas mais desassistidas pelo governo. No mundo, o cenário não muda muito, mostra o estudo A Grande Sombra da Informalidade: Desafios e Políticas, do Banco Mundial.

Por região, o levantamento revela que em termos de percentual do PIB (Produto Interno Bruto), a informalidade é mais alta na África Subsaariana, com 36%, e é mais baixa no Oriente Médio e no Norte da África, com 22%.

Os índices elevados podem prejudicar a recuperação econômica pós-pandemia, alerta o Banco Mundial. O Brasil certamente vai sentir. A política ultraliberal faz o país retroceder anos. Assim como a informalidade, o desemprego aumentou, milhões de pessoas voltaram a passar fome, a desigualdade social cresceu. Para completar, a crise sanitária parece não ter fim.

